

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE DEZEMBRO DE 1909

N.º 261

A primeira viagem de El-Rei ao estrangeiro

Sua Magestade na Inglaterra



O Senhor D. Manuel e o rei Eduardo VII atravessando a floresta de Windsor

O acolhimento, mais do que hospitaleiro, effusivo e carinhoso, com que a Inglaterra: o Rei, a familia real, o governo e o povo britannico, acabam de honrar Portugal na pessoa juvenil do seu monarcha, enche-nos de jubilo e ao mesmo tempo de orgulho.

Em Windsor, cercado por toda a familia real ingleza, ponde S. M. verificar que não podem ser mais estreitos, mais delicados e ao mesmo tempo mais poderosos, os laços que unem as duas casas reinantes e os vinculos que prendem uma á outra as duas augustas familias. Aos banquetes, ás representações theatraes, aos concertos, ás cacadas na floresta de Windsor, a todas as festas com que o nobre chefe da Grã-Bretanha quiz solemnisar a presença do seu regio hospede no velho e sumptuoso castello, succederam-se as festas de Londres, os brindes effusivos em Guildhall, a visita á grande metropole, os vivas entusiasticos com que esse grande povo acclamou pelas ruas o soberano portuguez. E tantas, e tão eloquentes manifestações, honraram, e para sempre penhoraram, na pessoa do jovem rei o velho Portugal.

A primeira viagem de El-Rei ao estrangeiro

Sua Magestade em Hespanha



Em Madrid. — O Senhor D. Manuel saudando o publico ao sair da estação do Norte

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

A viagem de El-Rei ás côrtes de Madrid e Londres. Como o monarcha lusitano foi recebido. Manifestações de carinho pelo rei e de apreço pelo paiz. Uma situação grave que se modifica sensivelmente. Faz-se votos porque a inhabilidade de uns não estrague o que a sympathia de um só soube conquistar. — Chuvas, ventania, furacão e pasmaceira. A politica e os politicos.

A viagem de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel ás côrtes hespanhola e ingleza surtiu os desejados effeitos para o nosso paiz: foram de um carinho inexcedível as manifestações feitas ao monarcha portuguez, quer em Madrid, quer em Londres. Affonso XIII recebeu o monarcha lusitano com a effusão de um irmão muito querido; Eduardo VII com a ternura de um desvellado pae. Imprensas e povos saudaram com respeito e sympathia o nosso jovem rei; e, nomeadamente em Londres, as continuas allusões de saudosa sympathia a El-Rei D. Carlos deviam ter commovido profundamente o filho do desditoso Rei e radicado em seu juvenil espirito a convicção de dever continuar a grande obra de politica internacional que o Senhor D. Carlos iniciou e ia levando a cabo com um tacto inexcedível que ainda aos seus mais apaixonados adversarios mereceu rasgado elogio.

O horrendo crime que victimou dois reis na tarde maldita de 1 de fevereiro de 1908 ruiu os alicerces da obra consideravel em que D. Carlos trabalhava como um grande diplomata e um grande patriota. Quasi todo esse singular e melindroso trabalho de approximação entre povos ficou inutilisado. Deante d'aquella catastrophe tremenda a Europa ficou aterrada. Ella teve por muito tempo a impressão de que eramos um povo de bárbaros. Na hora tragica nin-

guem teve a serenidade precisa para gritar bem alto, lá fóra e em nosso nome, que o villissimo attentado fóra o crime isolado de dois fanaticos, que a nação coberta de luto e horroisada repudiava, condemnava. Pagámos todos a loucura de dois assassinos. Se não soffremos agravos directos tivemos que supportar o azedume de criticas pouco invejaveis e a tensão de relações até então bastante amistosas.

Urgia pôr cobro a uma situação tão constrangedora, e a viagem de El-Rei foi sem duvida um passo habilissimo dado n'esse caminho. Os resultados já se sentem e tudo leva a crer que muito em breve se tornem muito mais evidentes e efficazes. Deus o permita. E que o egoismo e a ineptia da politica não venham a destruir, com o seu incessante trabalho de velha toupeira, o que uma inexperiente creança pode conquistar, com o seu prestigio pessoal e com a natural sympathia que inspira o seu infortunio, no curto lapso de tempo que a sua primeira viagem durou.

O velho Tempo cumpre honradamente o seu dever. Estamos em pleno inverno. Ha quinze dias que as chuvas fustigam Lisboa com um razoavel acompanhamento de ventania. E até já houve um tufãozinho, para animar a pasmaceira em que vivemos.

Realmente, áparte a invernia nada ha de novo. Isto não é inverno de Lisboa: isto é estio de aldeia sertaneja! Nem a politica, nem essa negregada se manifesta. Paz podre!

Com a sahida d'El-Rei os srs. ministros chegaram as respectivas cadeiras para junto dos fogões, estudam os projectos que tencionam apresentar ao parlamento, classificam a sua correspondencia, dão instrucções aos secretarios, tomam o seu grog e deixam falar quem fala. As Arcadas são um deserto. Até o homem do capilé fugiu. A do ministerio do reino está cheia de andaimes e traves. Anda em obras. Por conta de quem são ellas? Do actual governo? Do bloco liberal? D'outro bloco que para ali se annuncia? Vá lá a gente metter-se a adivinho!

Até as bulhas entre jornaes correm sórnas, sem interesse. Sente-se que os politicos se descompõem para não falharem ao naipe — para que se não diga que já não ligam a devida consideração uns aos outros. Os progressistas allirmam com aquella certeza de quem tem os trunfos na mão, que os regeneradores não irão ao poder enquanto estiverem ligados aos dissidentes; e o sr. Julio de Vilhena, accendendo o charuto e com o ar mais pachorrento, responde no *Diario Popular* — deixe lá, homem, ha de ser o que Deus quizer! — E diz isto com uma bonhomia, com uma tranquillidade, de quem tem tambem o basto e a manilha na mão.

Quem certamente sabe alguma coisa e alguma coisa podia dizer é o sr. José Luciano de Castro. Mas esse... moita carasco! Ao passo que os outros dão cartas dividindo o jogo, s. ex.ª joga com o baralho todo: faz paciencias, sentado no seu fauteuil, com o gato maltez no collo, cofiando o farto bigode por traz do qual a sua bocca ironica sorri...

Diziam ha dias as pessoas entendidas em manigancias politicas que a animação só voltaria com o regresso do sr. José de Alpoim. S. ex.ª esteve uma temporada em Dax enterrado em lamas que acalmaram o rheumatismo que lhe morde o rotundo, corpo. Soube-se que o sr. Alpoim sahira de Dax. Elle ahí vem, gritaram. Mas o sr. Alpoim não veio. Onde estaria? Em Malta? No Cairo? Na Nazareth? No Egypto? Ninguém dava fé do chefe dissidente.

Uma d'estas noites, emfim, o *Sud-Express* trouxe o sr. Alpoim á gare do Rocío.



A primeira viagem de El-Rei ao estrangeiro
Em Madrid. — Os reis de Portugal e Hespanha dirigindo-se ao palacio

Já cá está ha uns poucos de dias e a respeito de animação, fogo, viste linguça?

Ha quem diga que este socogo é apenas apparente e que pouco viverá quem não vir acontecimentos de importancia. Ora venha então de lá isso, e com pressa, que esta situação não quadra a ninguém. Mesmo porque isto de políticos parados é o diabo, é o diabo! Elles são como as creanças; quando a gente não as sente é que andam a fazer das suas!

CAMARA LIMA.

Assumptos de educação. Rousseau

(Continuação)

IV

O apparecimento do Emilio

O *Emilio* appareceu em 1762. A emoção produzida pela leitura da obra do sombrio misanthropo de Genève foi extraordinaria. Kant, o celebre philosopho de Königsberg, pela primeira vez, deixou de dar com regularidade os seus passeios habituaes. Voltaire e Diderot qualificam Rousseau de doido e de sophista. Os conservadores perseguem-no.

Os jesuitas acabavam de ser expulsos da França pelo parlamento. Ao systema educativo da celebre Companhia, Rousseau oppunha um outro que, paradoxal em grande parte, inspirava-se na philosophia do tempo.

Não se accenta uma theoria nova sem lucta mais



A primeira viagem de El-Rei ao estrangeiro

Na legação portugueza em Madrid
El-Rei D. Manuel e D. Affonso XIII
(Photographia tirada depois do almoço em honra
de Sua Magestade)

ou menos violenta, sobretudo quando rompe com a tradição. O livro foi queimado, e Rousseau, expulso da França, depois de um periodo de aventuras, refugiou-se na Inglaterra, onde o chamou David Hume a quem depois pagou a hospitalidade com a ingratitude habitual n'elle.

V

A doutrina fundamental do Emilio

A doutrina fundamental do *Emilio* é a seguinte: «E' preciso deixar a natureza desenvolver-se livremente; a arte da educação consiste em desviar os obstaculos e em crear as melhores condições possíveis que permitam o livre desenvolvimento das faculdades conforme a natureza. Não se deve impôr á creança nenhuma cultura exterior, nem por meio da auctoridade, nem por meio do estudo. A infancia tem o seu fim em si mesma; não deve ser tratada como simples preparação. A creança possui o direito de se desenvolver livremente.»

Esta concepção da educação é uma inferencia das idéas philosophicas do auctor, para quem a natureza humana é fundamentalmente boa.

«Tudo sae bom, diz elle, das mãos do auctor das cousas; mas tudo degenera nas mãos dos homens.» O homem tinha nascido bom; a natureza não o desviava da felicidade; mas a sciencia e a civilização corromperam a natureza, depravaram os costumes, produziram o erro e o vicio. A civilização era pois uma especie de peccado original para Rousseau, sobre o qual parecia exercer ainda influencia o calvinismo intolerante de Genève.

«O homem não quer as coisas como a natureza as cria.» «Força a terra a produzir os fructos d'uma outra; mutila o seu cão, o seu cavallo, o seu escravo; desforma tudo, e nem a si poupa.»

D'ahi derivam as suas máximas educativas; deixem a creança seguir o seu instincto de conservação; deixem-na fazer as suas experiencias; não lhe ensinem o que pode aprender por si mesmo; nem criem nem excitem n'ella desejos e necessidades que não possa satisfazer. E' preferivel recuar o desenvolvimento intellectual a apressa-lo. Importa que o espirito se forme antes de exercer as suas faculdades, deixem crescer a creança sem prejuizos, sem



A primeira viagem de El-Rei ao estrangeiro

Sua Magestade e o rei de Hespanha vendo os resultados da caçada na Casa de Campo



Eduardo VII

Rei da Grã-Bretanha e Irlanda e Imperador das Índias

habitos e sem conhecimentos. Aos dez annos não deve saber distinguir a mão direita da mão esquerda.

Como elle diz, o embrião do character precisa de tempo para se desenvolver; as tendencias e os instinctos reclamam igualmente tempo para se formar.

Em resumo a educação deve ser *negativa* e não *positiva*.

N'uma carta a M. de Beaumont o auctor do *Emilio* chama *educação positiva* a que tende a formar o espirito antes da idade, e a ministrar á creança o conhecimento dos deveres do homem. *Educação negativa* é a que tende a aperfeiçoar os órgãos, instrumentos dos nossos conhecimentos, antes de possuímos esses conhecimentos, e que prepara a razão pelo exercicio dos sentidos.

A educação negativa é util e necessaria. Ella não ensina a virtude nem a verdade; mas preserva do vicio e do erro. Ella prepara a creança para tudo o que pode conduzi-la á verdade, quando chegar ao estado de a comprehender, e ao bem quando chegar ao estado de o amar.

A este respeito, Madame de Epinay, pouco antes da publicação do *Emilio*, escrevia a seu filho o seguinte: «Não sei se V. estava em minha casa no dia em que se falava de um homem de espirito que entende não dever a educação começar antes dos 12 annos. Antes de cultivar o espirito, diz elle, é preciso dar ao corpo o tempo de se formar e robustecer. Este systema é singular; é como se prohibissemos ás creanças que movessem os seus braços e que se servissem de suas mãos no periodo em que aprendem a andar. Nós não devemos desprezar nenhuma das nossas faculdades; exigem todas uma cultura igual.»

Estas palavras constituem uma critica merecida ao exaggero de Rousseau.

Uma outra idéa fundamental do auctor do *Emilio* é a existencia de diversos periodos na vida do homem, aos quaes correspondem diversos graus de desenvolvimento e diversas formas de educação. E' este um facto verdadeiro e de consequencias pedagogicas importantes. Mas Rousseau commette um erro grave, quando entende que esses periodos são nitidamente e absolutamente separados, como se a natureza procedesse por saltos, como se a alma no seu desenvolvimento passasse por phases bem delimitadas.

VI

A educação physica

No primeiro periodo a educação é negativa, e todos os cuidados devem tender ao desenvolvimento do corpo, á robustez e saude do organismo. Os exercicios physicos que recommenda são, em geral, excellentes, se bem que outros lembrem a severa educação spartica.

O direito da creança á saude, ao passeio, ao grande ar, aos livres exercicios do corpo, affirmado e defendido calorosamente pelo

auctor do *Emilio*, é hoje reconhecido pela pedagogia moderna, que dá importancia igual á educação physica, intellectual e moral.

Deve porém observar-se que antes de Rousseau outros tinham recommendado a educação physica. Entre esses distinguem-se RABELAIS que divide intelligentemente as horas de trabalho de Gargantua entre os exercicios physicos, os intellectuaes e os moraes. MONTAIGNE, influenciado como Rabelais, pela Renascença, advoga o desenvolvimento harmonico da alma e do corpo. A idéa da *mens sana in corpore sano* tinha sido comprehendida pelos escriptores do seculo XVI. No seculo XVII o philosopho inglez LOCKE prescreve a hygiene, os exercicios frequentes do corpo, os banhos, o bom ar, muito sol.

Vê-se pois que, sob o ponto de vista da educação physica, Rousseau, sem originalidade, reproduz as idéas dos pedagogistas dos seculos XVI e XVII. E, quando com tanta eloquencia elle se refere aos cuidados a dar á infancia e aconselha as mães a amamentar os seus filhos, apenas repete o que pouco tempo antes d'elle era ardentemente recommendado pelo doutor Tronchin, e exposto por Buffon na sua *Histoire naturelle de l'homme*.

VII

A educação dos sentidos

Até aos 12 annos a educação é negativa e dirige-se sobretudo ao desenvolvimento do corpo. Ha porém n'este periodo um começo de educação positiva — é a cultura dos órgãos dos sentidos, a que Rousseau dá uma grande importancia.

Essa cultura é indispensavel, porque «não sabemos tocar, nem ver, nem ouvir, senão como temos apprendido.»

«Nos primeiros annos, quando a memoria e a imaginação ainda se conservam inactivas, a creança só presta attenção ao que impressiona os sentidos. As sensações são os primeiros materiaes dos conhecimentos, d'onde resulta a necessidade de as offerecer á creança n'uma ordem conveniente; d'essa fórma prepara-se a memoria para as ministrar opportunamente na mesma ordem ao entendimento.»

«As primeiras faculdades que se formam e aperfeiçoam em nós, são os sentidos. São os primeiros que seria preciso cultivar; são porém os que se esquecem e os que mais se desprezam.»

«Devem exercer-se todos os sentidos, tirar-se de cada um d'elles todo o partido possivel, e unificar depois a impressão de um pelo outro. E' preciso medir, contar, pesar, comparar.»



Sua Magestade a Rainha Alexandra
Esposa de Eduardo VII

E n'outras passagens insiste Rousseau na necessidade da observação attenta e da percepção nitida para ter idéas exactas.

Rousseau mostra ter comprehendido a necessidade da cultura dos sentidos e a importancia de crear na creança o habito da observação



O Duque de Connaught

Em cuja residencia o Senhor D. Manuel almoçou ha dias

attenta e exacta. Se não fôr original, não se lhe pode negar o valor das suas recommendações.

Antes d'elle, COMENIUS (seculo XVII) tinha demonstrado para a educação a necessidade da cultura dos sentidos. Para este notavel pedagogista «o fundamento de toda a sciencia consiste em representar com exactidão aos nossos sentidos os objectos visiveis, de sorte que os possamos comprehender com facilidade. E' certo que nada ha no entendimento que primeiro não esteja nos sentidos, e portanto é fundamento de toda a sabedoria, de toda a eloquencia, de todo o acto, o exercicio cuidadoso dos sentidos, afim de se perceberem as differenças das cousas naturaes. A instrucção deve começar pela observação real das cousas»...

A obra de Comenius e de Rousseau, quanto á educação dos sentidos, foi continuada pelos pedagogistas do seculo XIX. E hoje a introdução dos trabalhos manuaes nas escolas com uma feição educativa obedece a essa orientação.

VIII

O estudo das cousas; o livro

Ao mesmo tempo que dos 2 aos 12 annos recommenda a cultura dos sentidos, Rousseau prohibe todo o estudo propriamente dito. «Eu tiro ás creanças os livros, instrumento da sua maior miseria. Cousas! Cousas! O que se ensina á creança? Palavras, sempre palavras!»

O livro da creança é a natureza. Esta ministra-lhe todos os dias as lições das cousas. O mestre ou o preceptor só intervirá para ella interpretar as lições da natureza.

Todos os estudos que esclarecem n'este periodo o exercicio da memoria e do juizo são por elle rejeitados.

A creança, observando a natureza, creará a sciencia por si mesmo, por sua propria experiencia. Nada lhe deve ser ensinado.

No periodo seguinte, quando apparece já a intervenção activa do mestre, elle condemna os processos mechanicos, protesta contra elles e contra o ensino prematuro e superficial, contra o abuso das palavras.

Merece Rousseau ser applaudido quando pretende banir do começo dos estudos o ensino abstracto; quando quer que se deixe a maior iniciativa á creança; quando recommenda que a razão se não submetta servilmente á auctoridade; quando prescreve que se ensine a creança a instruir-se e a descobrir ella propria as verdades.

Mas, quando no seu odio á civilisação elle prohibe até aos 12 annos todos os livros, excepto *Robinson Crusoe*, quando elle isola a creança do mundo para a salvar da invasão dos prejuizos e a preservar dos vicios sociaes, quando elle não quer que a creança ap-

prenda pela convivência com os seus semelhantes, quando elle recusa o principio dos estudos para os 12 ou 15 annos, nós deveremos dizer: utopias, chimeras, paradoxos de um homem que não educou, que não conheceu a creança, e expulsou da casa os proprios filhos.

O grande erro de Rousseau foi considerar o homem n'um estado metaphysico em que nunca esteve, em que nunca estará, e não o homem tal qual está na sociedade.

Na parte que sobre o systema de ensino merece ser applaudida, Rousseau nada innovou. O que elle condemnou, tinham-no condemnado antes d'elle com violencia RABELAIS e MONTAIGNE, o que elle recommendou, tinham-no recommendado COMENIUS e LOCKE no seculo XVII.

IX

A educação moral

Até aos 15 annos a educação moral é tambem negativa. Deixar fazer é a regra da conducta por elle recommendada. Nem ordens, nem conselhos. A acção, o facto a instruirá e não o mestre.

«Nenhuma especie de lição verbal; só deve receber lições da experiencia. Nenhuma especie de castigo, porque ignora n'essa idade o que seja uma falta.»

O discipulo só será punido pelas consequencias naturaes das suas más acções. E' o que se chama o principio das reacções naturaes.

«As palavras de obediencia, ordem, dever e obrigação, serão banidas do dictionario do discipulo.»

O dever e a obrigação moral são sacrificados e substituidos pelo recio que inspira uma consequencia mais ou menos dolorosa da falta.

No seu systema da educação moral Rousseau obedece tambem á mesma orientação.

Sem negar o que ha de verdade e de aproveitavel no que expuzemos, deve confessar-se que é excessivamente exagerado. Em lugar de adiar a educação intellectual e moral para os 12 ou 15 annos, porque se não ha de ministrar essa educação em conformidade com o desenvolvimento da natureza da creança e com as forças que vae adquirindo?

Se convem preservar a creança dos prejuizos e dos vicios sociaes, não se comprehende que até aos 15 annos o discipulo ignore absolutamente o que seja a disciplina, a ordem, o dever, a virtude.

Como diz um pedagogista francez: «o *Emilio* é uma creança da natureza, educado pela natureza, conforme as regras da natureza, para a satisfação das necessidades da natureza.»

Voltaire, apreciando o *Emilio*, diz que Rousseau á força de isolar o discipulo, quasi que d'elle faz um animal.

X

A critica

No fundo e no conjuncto o *Emilio* é um romance, cheio de paradoxos, de utopias e de inconsequencias. Se fossemos a applicar in-

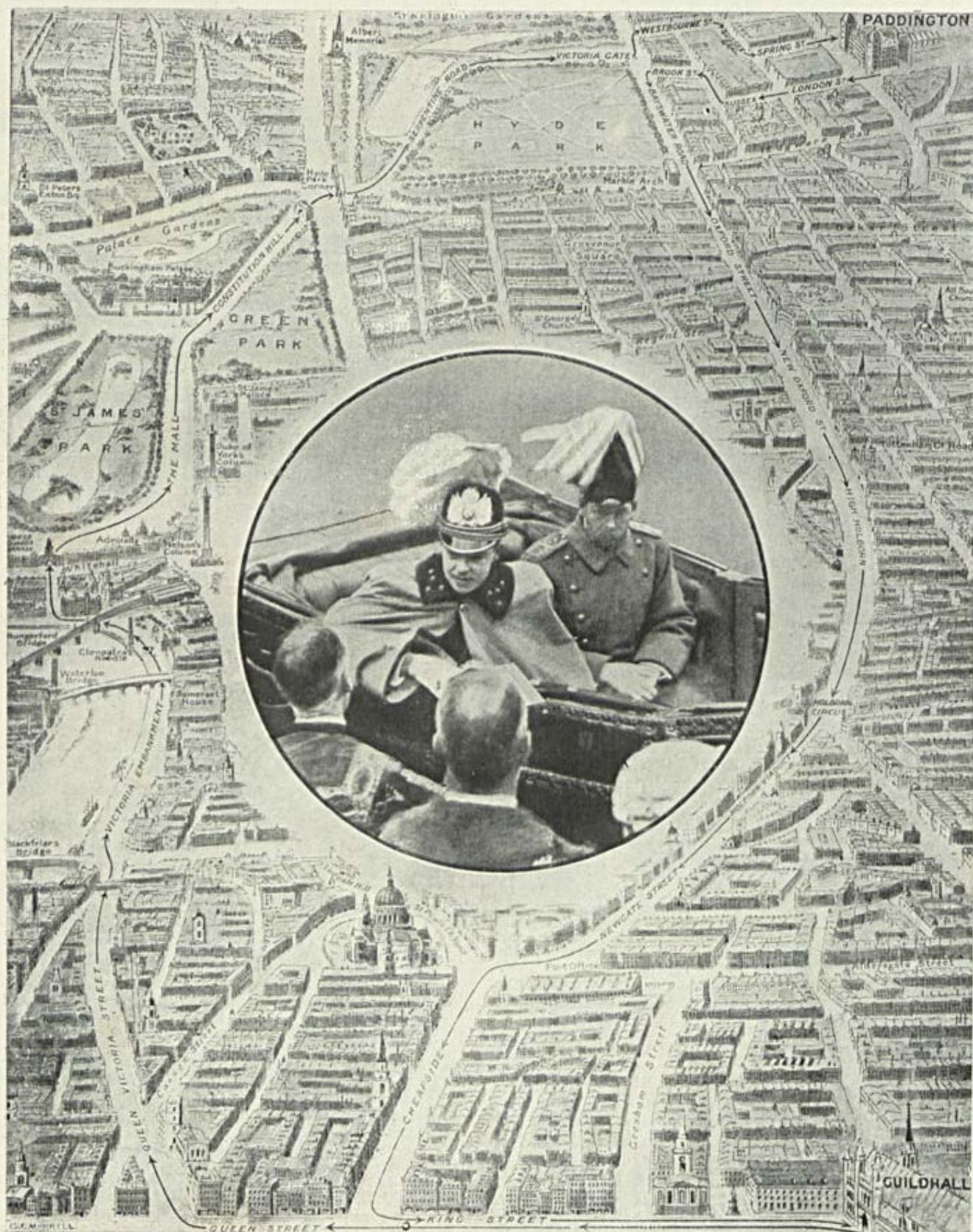


Marquês de Soveral

Ministro de Portugal em Londres

A primeira viagem de El-Rei ao estrangeiro

Sua Magestade na Inglaterra



Caminho que o Senhor D. Manuel seguiu atravez das ruas de Londres desde Paddington ao Guildhall

teiramente a theoria educativa que encerra, o alumno sahria uma especie de *Ingenuo* sem o espirito do de Voltaire, ou um *selvagem* que não seria bem o primitivo homem da natureza, mas um homem de natureza corrigido pelo orgulho e pela misanthropia feroz do philosopho de Geneve.

O adiamento da educação positiva para além dos 12 annos seria hoje um facto irrealisavel. Rousseau desconheceu a evolução das faculdades da creança; desenvolvem-se mais cedo do que elle pensa. E nada impede que se eduquem positivamente essas faculdades, tendo em attenção, é claro, a idade, as forças, o crescimento, a evolução do espirito.

Para que isolar a creança do meio social, privando-a das lições da experiencia, do conhecimento do perigo, e das armas de que precisa para vencer?

Banir dos dictionarios dos alumnos até aos 12 ou 15 annos as palavras de obediencia e de disciplina! Era tornar impossivel a escola moderna, em que cada classe conta em média 50 alumnos.

As inconsequencias são numerosas e frequentes. No *Emilio* condemna toda a emulação, os premios e os estímulos, ao passo que por outro lado no *Gouvernement de Pologne* exige que as creanças, mesmo nos seus jogos, tenham sempre um fim commum que excite a concorrência e a emulação.

Recommenda que não falem á creança senão do que ella pode comprehender; e por outro lado retarda e impede o desenvolvimento das suas faculdades.

Declara que a familia dá a melhor educação; e escolhe para base do seu romance uma creança sem familia.

Sob o pretexto de evitar os maus habitos, com a theoria de Rousseau chegava-se á perfeição de um ser humano que aos 12 annos não sabia qual era a sua mão esquerda e qual a sua mão direita.

Em pedagogia pouco innovou. No entretanto alguma cousa de util se encontra no *Emilio*.

O ensino educativo, baseado na experiencia e na lição das cousas; a influencia suggestiva do exemplo; o principio das noções naturaes; o desenvolvimento das faculdades naturaes da creança e o ensino acomodado a esse desenvolvimento; o recurso directo á curiosidade instinctiva, ao interesse; a educação dos sentidos; a observação exacta e attenta; a condemnação do abuso do livro e dos processos mecanicos; o direito da creança aos livres exercicios do corpo, á saude, á hygiene, ao sol, ao ar; o protesto contra a ferocidade da aquisição de conhecimentos; a iniciativa devida ao alumno; a recommendação de que se deve ensinar o alumno a instruir-se, mais do que instruí-lo, etc., dão ao *Emilio* um relevo natural no meio dos erros, phantasias e incoherencias que encerra.

Marques Mano.

Encontramos em um jornal allemão a seguinte curiosa anecdota: «Era costume do velho R. não abandonar por um momento, sequer, o circo de que era empresario, o que constituia o seu unico divertimento. Entretanto, um bello dia alguns amigos levaram-n'o á Opera.



A primeira viagem de El-Rei ao estrangeiro

Durante a caçada na floresta de Windsor—O Senhor D. Manuel dis,parando

Cantava-se *O Propheta*.

Logo que acabou a recita, R. voltou ao circo, onde o espectáculo ainda não tinha terminado.

Executava-se uma pantomima que a orchestra acompanhava com a marcha do *Propheta*, que R. tinha ouvido na Opera.

Fôra de si, dirigiu-se ao chefe de orchestra e interpellou-o n'estes termos:

— Que significa isto? porque não tem mais cuidado na sua musica?

— Mas, senhor director, respondeu confuso o artista, não comprehendendo...

— *Roubam-nos a nossa musica!* O que vocês acabam de tocar, ouvi eu, ainda não ha meia hora, na Opera. Se este caso se repete, intentarei um processo ao empresario da Opera e pol-o-hei á você na rua!»



A primeira viagem de El-Rei ao estrangeiro. — Grupo tirado na legação portugueza em Londres

(Cliché de J. Benoit).



Um aspecto do castello de Windsor onde El-Rei esteve hospedado

AVE, MARIA

«Ave, Maria, Senhora
da graça e vida e perdão,
cujo olhar, mais que os ceus doura;
cujas mãos, mais que os céus, dão :

Vosso Padre e Esposo e Filho
sempre é convosco: o descanso
da lida, em que lido e canso,
é meu, se o pedis: pedi-lh'o.

Entre as mulheres bem dita
Fostes, sois, sempre o sereis,
sendo, por graça infinita,
Virgem Mãe do Rei dos reis.

Bem dito é o fructo do seio
mais casto que ha visto o mundo
mystério augusto e profundo,
que adoro e em que espero e creio

Souza Monteiro



A bandeira dos bombeiros municipaes do Porto

Antonio Pereira da Costa, um entusiasta pelos serviços de extinção dos incendios, um bello rapaz que durante alguns annos foi alistado no grupo dos Bombeiros Voluntarios, promoveu uma subscrição e com ella conseguiu offerecer ao Corpo de Salvação Publica (pois assim se designam os bombeiros do Porto) uma apparatusa bandeira.

Vimol-a ha dias exposta n'uma vitrine, contemplamol-a benzida em um templo e achamol-a dignamente offerecida aos bombeiros portuenses.

E' de seda, das côres preta e vermelha; tem as letras bordadas a oiro bem como a corôa heraldica da cidade invicta: pendem do alto da haste em que está erguida, as medalhas que os bombeiros portuenses ganharam em Londres, em Lyon e outras cidades.

Tem uma alta significação o offercimento d'esta bandeira e ficou uma belleza que se destaca deslumbrante quando fluctua hasteada na fileira dos bombeiros, acompanhando-os nas marchas.

O sympathico vereador municipal, Augusto Pereira da Costa, não viu no offerimento sómente a dedicação fraternal de quem tomou a briosa iniciativa, contemplou uma prova evidente da consideração em que são tidos os bombeiros portuenses, tal é a sua honrosa historia, taes as suas brilhantes asseverações.

Não devemos, porém, occultar uma circumstancia. As côres da bandeira são assim designadas: não ha que discutir. Mas quanto mais apropriado seria que a bandeira dos bombeiros municipaes fosse da cor da do municipio, isto é azul e branca aos listrões. Nunca nos pudemos habituar a ver a cor negra em uma bandeira. E' lugubre, funeraria e até fatidica, pois lembra o pavilhão negro que se hasteia em uma fortaleza, quando lá no interior se tem de fazer alguma execução capital. Ora os bombeiros são os soldados da paz consagrados a um fim humanitario, e se elles tivessem uma bandeira das côres nacionaes e como é a bandeira liberal do Porto, recordarnos-iam uma pagina da sua historia, que anda um pouco esquecida, e com os liames d'uma formosissima tradição uniriam a valentia dos seus esforços e a heroicidade dos seus serviços á grandeza homerica dos feitos com que a cidade do Porto alcançou o glorioso titulo de Invicta.

Todos lembram e com applauso o modo brilhante como os soldados do Corpo de Salvação Publica se apresentaram nos certamens em que foram tomar parte n'outros paizes e obtiveram justissimas recompensas; mas nem toda a gente se recorda que no memoravel Cerco do Porto os bombeiros tiveram uma acção importantissima e prestaram assignalados serviços.

A missão do bombeiro é sempre laboriosa e cheia de perigos; mas no tempo da guerra e a dentro de uma cidade sitiada, todo o risco e todas as difficuldades augmentam. O Porto esteve em 1832 e 1833 sob a temerosa situação d'uma cidade bombardeada de dia e de noite, os incendios eram repetidos e por vezes ardiam trez, quatro e mais predios simultaneamente; d'ahi é facil calcular o que foi o serviço de extinção realisado pelos antigos bombeiros debaixo d'um fogo vivo da artilharia inimiga, n'essa epoca em que a corporação

dispunha de menos machinas e até de menos auxiliares, pois quanto havia de valioso na população, tudo acudia aos trabalhos nas trincheiras.

Essa pagina de benemerencias honra as tradições e a chronica dos bombeiros do Porto, agora representados e succedidos pelo Corpo de Salvação Publica. Assim, quando os actuaes bombeiros olham para o estandarte da cidade, condecorado com a Torre e Espada, sentem orgulho de verem que na grandeza dos sacrificios e heroismo assim galardoado alguma parcella de gloria lhes pertence tambem.

Essa pagina, que é honrosissima na historia da briosa corpora-



A bandeira dos bombeiros municipaes do Porto

ção, talvez nos viesse mais depressa ao espirito se a vissemos com a bandeira em que as côres lembravam o desembarque no Mindello, os assedios que foram repellidos pelas trincheiras da cidade, o pendão que esteve hasteado na Serra do Pilar e foi de victoria em victoria até á Asseiceira!

Isto, que é uma opinião muito nossa, em cousa alguma diminui a generosidade da offerta que tiveram os bombeiros portuenses e a heroicidade com que saberão honrar o seu estandarte, sempre glorioso, sejam quaes forem as côres com que se destaca.

Porto, 1900.

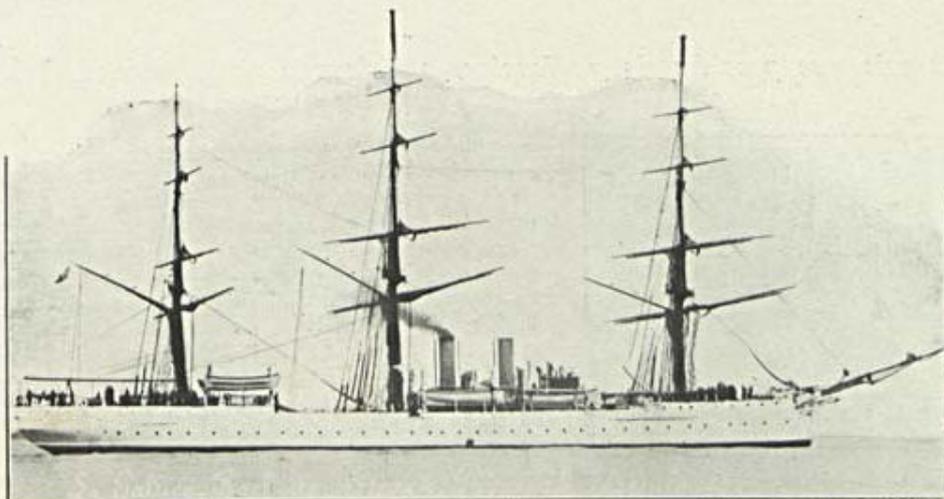
Padre F. J. Patricio.

Argentina e Portugal

Visitou o Tejo no dia 23 a fragata escola argentina, que pela gravura hoje reproduzimos. Durante a sua estada entre nós, os officiaes foram alvo de sinceras desmonstrações de sympathya.

O governo associou-se aos festejos em honra da officialidade, correspondendo assim ás provas de apreço, por vezes evidenciadas pela nação amiga á qual nos prendem laços fortes de estima.

A fragata *Presidente Sarmiento*, commandada pelo sr. Luiz Almada, e que veiu visitar-nos com o fim de convidar Portugal a fazer-se representar na revista naval de 1910 em Buenos Aires, é um bello barco que trouxe a seu bordo 24 aspirantes em viagem de instrucção. Depois de quatro dias de festas officiaes, banquetes, bailes, visitas a monumentos nacionaes e excursões aos pontos pittorescos dos arredores da cidade, a fragata levantou ao cair da noite de 26 com destino a Italia.



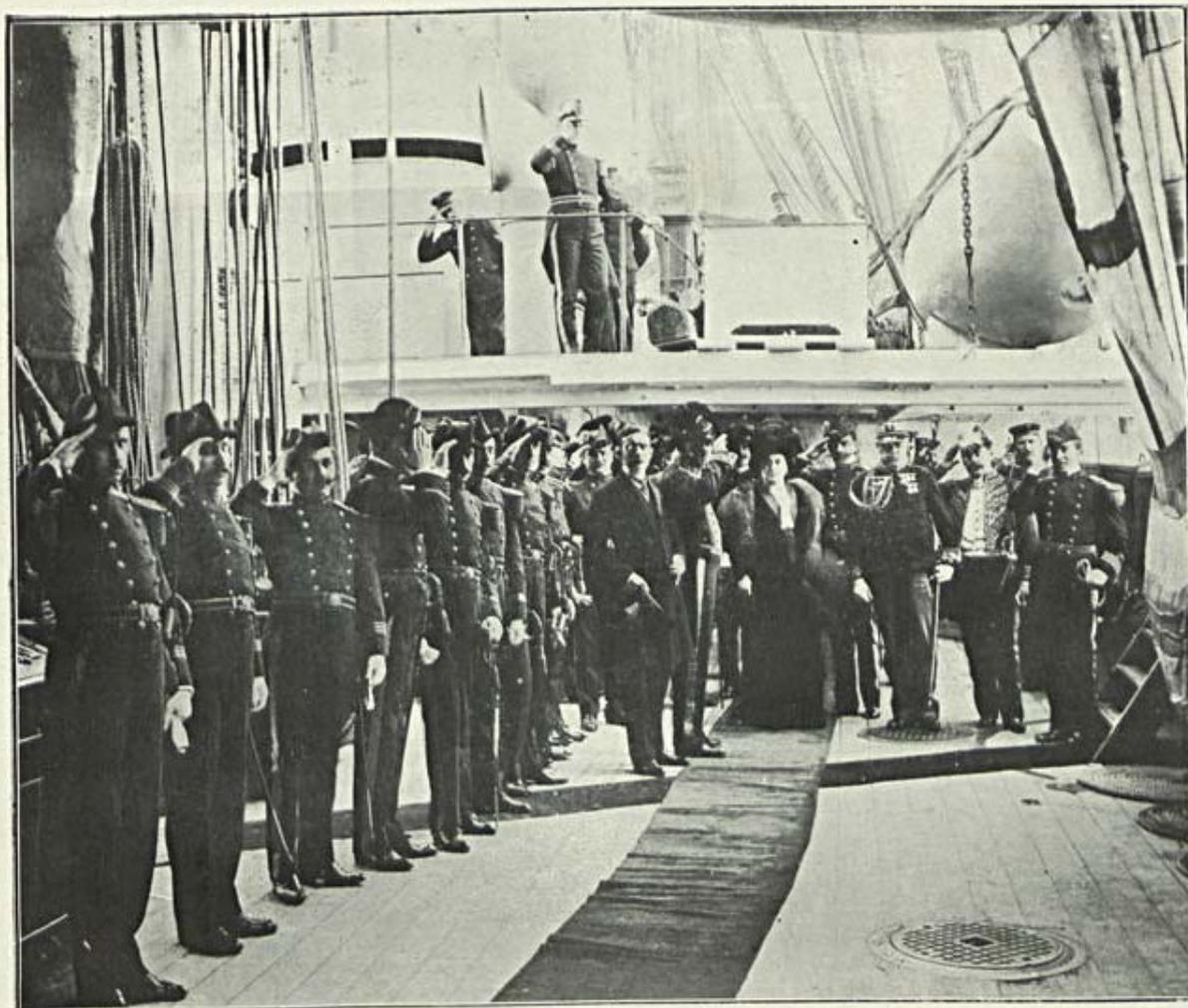
A fragata Argentina «Presidente Sarmiento»

na tarde da *matinée* a bordo, accedendo o Principe Regente genormente a tomar parte n'elle.

Embora tardiamente, o *Brasil-Portugal* saúda o illustre commandante e a officialidade da fragata, fazendo votos pela sua derrota.

O grupo que inserimos foi tirado no tombadilho da *Sarmiento*

A bordo da «Presidente Sarmiento» em 25-11-1909



Ao fundo o Senhor D. Affonso, regente do Reino, tendo á direita madame Sagastume, ministra da Republica Argentina
(Cliché de Carlos Andréola, collaborador photographico de Caras y Caretas de Buenos Ayres)

Julgamento dos incendiarios da Magdalena

O juiz que presidiu ás audiencias, o delegado do Ministerio Publico e os advogados dos reus



Dr. Corrêa Leal

Delegado do Ministerio Publico

gamento e toda essa longa serie de incidentes que o caracterisaram, e mais ainda que o celebrizaram. Subiu a grande altura a eloquencia dos defensores dos reus, entre elles e a accusação travou-se uma lucha homérica, a defeza teve uma forte e poderosa organização, e o juiz presidente do tribunal manteve-se numa attitude sempre correcta e firme, coroada pelo relatorio final, que é um modelo de imparcialidade e de clareza.

Não obstante todos os elementos que se conjugaram na defesa dos accusados, não obstante todos os casos que constituiram materia nova, e lançaram luz sobre os acontecimentos decorridos, o veredictum do



Dr. Forta e Costa

O juiz presidente



Dr. Alexandre Braga

Advogado de Leandro Gonzalez

Este sensacional julgamento interessou, e acima de todos os outros acontecimentos, preocupou durante cerca de tres semanas a opinião publica, não só na cidade como em todo o paiz. Os magistrados e os advogados que fizeram parte do tribunal figuram hoje nestas paginas como tambem nellas se reproduz o aspecto geral da sala do segundo districto numa das ultimas audiencias.

Bastantes dias já lá vão e ainda perante a memoria desfila toda essa multidão de figuras que entraram no jul-

resolução. Acatamol-a portanto, porque viria ferir profundamente a consciencia humana a suspeita de que por um erro de justiça se poderia ter aniquillado a vida de um homem, condemnando-o por engano á maior, á mais grave penalidade da lei.

Hoje como então os embates da opinião publica são violentos, revive o crime em toda a sua hediondez, aclaram-se os casos que com elle se prendem, desencontram-se os criterios, divergem as opiniões, a paixão toma vulto, e o que quer que seja de uma incerteza perturba o fundo de



Dr. Cunha e Costa

Advogado de Eufrazio Briz

jury, legalisado pela sentença do juiz, condemnou ás maiores penas da lei os dois accusados: o Fernandez e o Leandro.

O outro, Eufrazio, uma creança que á data do crime pouco mais tinha de quinze annos, foi mandado pôr em liberdade, limpo da culpa que na instrucção criminal lhe foi imputada.

Está enfim cumprida a justiça dos homens. Será a justa? Teria ella emanado da Verdade? Houve dois incendiarios? Serão ambos igualmente responsaveis pelo monstruoso crime e pelas suas pavorosas consequencias? O grito d'aquelle que foi condemnado na maior pena: «Estou innocente, sr. juiz!» será uma mentira ou a expressão de uma consciencia calumniada?

O juiz lavrou o seu veredictum, o jury deu por provados os crimes, e é velha praxe acatar a sua suprema



Dr. Cosmelli Cancella

Advogado de Antonio Fernandez

muitas consciencias. D'ahi o desasocego e o mal estar dos que teem o direito logico de admittir a hypothese de que mais uma vez pudesse ter errado a justiça dos homens e de que resultasse d'esse erro uma condemnação affrontosa.

As mondadeiras

Por entre os trigos as mondadeiras
Enchem as varzeas de cantorias,
Herva daminha, que bem que cheiras!
Nasces e affrontas as sementeiras
E é só por isso que não te erias.

As mondadeiras andam nas mondas,
De rego em rego, sempre a cantar,
Troncos curvados, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas,
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,
Alegres ranchos de raparigas,
O' mocidade, tu nunca mentes!
Como as cigarras andam contentes,
Mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres mondando as searas,
Um rico assumpto para os pintores!
Lembram vistosos bandos de araras:
Saías, roupinhas de chitas claras,
Chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam n'aquella
Faina constante pelos trigaes;
O' mondadeiras, tende cautela,
Que o parasita que se debella,
Se escapa, cresce cada vez mais.

E' necessario que o trigo venha
De palha grossa, de espiga cheia,
E, quando caia na mó da azenha,
Não seja o caso que ás vezes tenha
Joio ou mistura de grão de aveia.

Dias ridentes de primavera,
Fecundos dias para a lavoira!
A natureza se retempera
Na farta leira que as plantas gera,
No sol propicio que os campos doira.

Voam abelhas picando os ares
Em torno ao freixo que as inebria;
Nos tendaes leves, rectangulares,
Nedios carneiros, aos centenares,
São desnudados pelo tosqia.

E as mondadeiras, sempre mondando,
Porque o trabalho não as enerva,
Põem-se a prumo, de quando em quando,
Erguendo os braços, e carregando
Sobre as cabeças mólhadas de herva.

A tarde morre tranquillamente;
Na freguezia soam trindades:
Penetra as coisas e invade a gente
Como uma benção de paz elemente,
Que vae caindo sobre as herdades.

E' já sol posto. Ao longe as noras
Servem na rega dos laranjaes,
O' agua clara, penso que choras,
E te lamentas horas e horas,
Porque alto sobes e d'alto caes!

E as mondadeiras voltam das mondas,
Sachola ao hombro, sempre a cantar;
Bustos erectos, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas,
Que não se quebram como as do mar.

Conde de Monsaraz.

Uma bandeira celebre:—O pavilhão que fluctuava no *Victory*, no dia da celebre batalha de Trafalgar, e que cobriu o athaude onde foram collocados os restos mortaes de Nelson, foi recentemente vendido em leilão por 3:150 francos. Na mesma occasião foi rematada tambem por 525 francos a bandeira branca que serviu nas exequias do illustre almirante.

Pelo que se vê, lá fóra tambem não é muito intenso o culto pelas reliquias historicas.

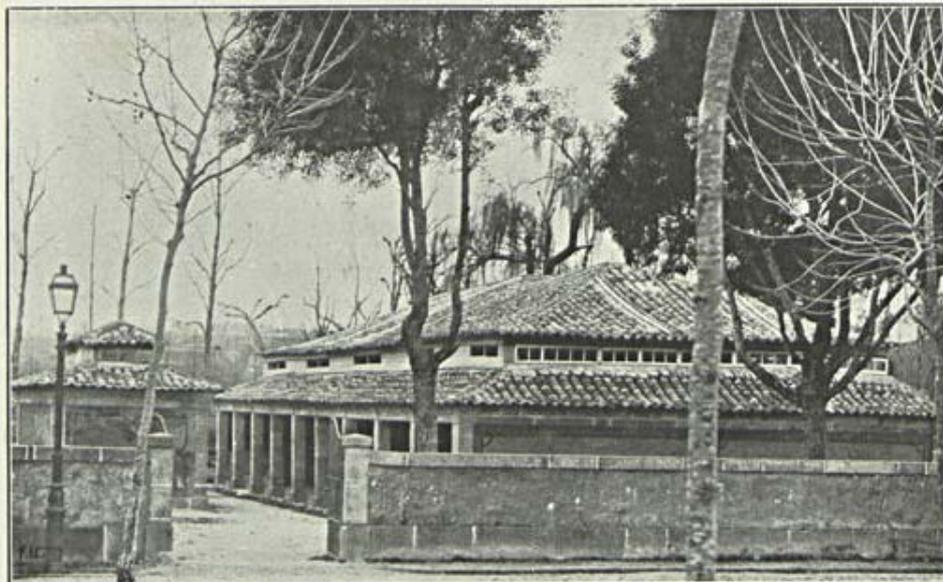
Julgamento dos incendiarios da Magdalena



(Cliché de A. C. Lima)

Aspecto do tribunal n'uma das ultimas audiencias

CALDAS DAS TAYPAS



O «Estabelecimento Velho» construído em 1753 pelo carmelita Frei Christovão dos Reis

A obra do Carmelita

Embora outra documental afirmação não assignalasse a péga do povo legionario pelo ridente valle donde bróta o veio santo das Taipas, a inscripção rupestre de Trajano bondava para proclamar a romanisação das thermas.

O romano tinha a volupia da agua. A marcha da sua civilisação poderia traçar-se, mais do que pelas suas vias militares, pelas piscinas que elles iam rompendo no virtuoso humus conquistado.

Os séculos atulharam o mosaico romano; e só tarde, agora uma, logo outra, as nascentes foram emmergindo e, revelando-se, condoídas dos males do homem.

E rara é a estação thermal portugúesa em cujo revolvimento da captação o tijôlo d'um acuario não surge a afirmar o primitivo senhorio romano.

Assim, nas *Caldas das Taipas*, á evocação do rochedo de Trajano veio juntar-se, ha dois annos, quando da captagem de mais uma nova nascente, o testemunho dos banhos romanos, expresso na lagea e nos conductos resistentes que arterialisavam um tracto profundo do campo.

A sua ressurreição contemporanea é a obra do carmelita descalço, o Irm. Fr. Christovão dos Reis, *Pharmaceutico-Botanico e administrador da Botica de N. Senhora do Carmo de Braga* que elle mesmo simplicemente narra no seu tomo do seculo XVIII nomeado: *Reflexões Experimentaes methodico-Botánicas, muito uteis e necessarias para os professores de medicina e enfermos*.

Nesse vade-mecum thermal, tirado na Regia Officina Typographica de Lisboa, no anno da graça de 1779, com a competente licença da mesa censoria, o capitulo XII, — *Das Caldas de Caldellas*: ¹ sitio em que ficão; e suas virtudes, reza assim no saboroso dizer do carmelita:

«Na distancia de legua e meia, com pouca differença, da cidade de Braga, junto do Rio Ave, ao lado esquerdo da Estrada, que vai para Guimarães, perto de hum pequeno Ribeiro do Lugar do Couto, Freguezia de *Caldellas*, estão cinco Mananciaes de Agua quente branda, bastantemente sulfurea que pôde remediar a muitos Enfermos, se houver curiosidade de fazer Tanques cubertos, que em todas as Estações do Tempo se podem nellas tomar Banhos; por estarem em Sitio aprazivel, e entre as duas famosas Povoações Braga e Guimarães.

«Erão estas Aguas conhecidas do Povo só pela qualidade de quentes entre as Hortas,

¹ Estas *Caldas de Caldellas* são hoje conhecidas por *Caldas das Taipas*: as de *Vizella* chamava-se, nos bons tempos de Frei Christovão, *Caldas de Guimarães*, e as de *Caldellas* eram, então, as *Caldas do Rio Albita*.

que naquelle sitio cultivavão, ignorando-lhe as Virtudes, até que no anno de 1753, tive occasião de ir á mencionada Freguezia; vendo as Aguas, que cheirando muito a Enxofre, erão brandas no calor, só hum Nascente, que brotava junto do referido Ribeiro, era bastantemente quente; e pelo que tinha observado nas *Caldas do Geréz* nos annos antecedentes, julguei que aquellas Aguas, posto que brandas, havião de ser proficuas para muitas Queixas. Aconselhei-as a algumas Pessoas da Freguezia, que padecião Sarna, Frieiras, Escandecencias figadaes, para que se lavassem, e tomassem Banhos nellas, fazendo Poço; e como tive a noticia dos seus bons effeitos, me expuz ao trabalho de ir examinar seus Mineraes, para conhecer as Queixas, que podião remediar.

«Feitos os Experimentos, descubri nas Ditas Aguas Enxofre, Ferro, e huma grande porção de terra albuminosa, com advertencia, que tem mais quantidade de enxofre, e Pedra Hume, do que de ferro, e Nitro; e como o Enxofre não está na terra sem a mistura de vitriolo, segue-se que tambem o tem com huma porção de terra Cretacea; e este he, a meu ver, o motivo, por que são pouco quentes.

«Advirta-se, que a terra, donde brotão as Aguas, e por aquellas vizinhanças, he Cretacea, Albuminosa, e Vitriolada: o sedimento, que largão no camião, he branco á imitação do magisterio do En-

xofre; e onde fazem demora, he branco cinzento, e espumoso com sinaes de verde, o qual sedimento calcinado pela ordem já explanada nas analyses do Geréz, mostra bem os referidos mineraes, ainda que não duvido, tenham outras misturas, que não é facil o conhecellas. A parte do Norte do Sitio, onde hoje estão as *Caldas*, cousa de duzentos passos com pouca differença, em o Quintal, e casas de hum Lavrador, ha um Poço de agua semelhante á das *Caldas*; porém muito mais quente: servem-se della para barréllas. Este Poço me fez discorrer, que as Aguas das *Caldas* tem seu Nascente em parte remota do Sitio, em que se achão, ou neste mesmo Poço: e se houvesse curiosidade, se podia procurar, e com melhor commodidade, tomar os Banhos, do que a que ha, onde agora se tomão.

«Conhecidos os bons effeitos acima referidos, e Qualidades das Aguas; me parece que os Enfermos de hum, e outro sexo, de Temperamento calido, secco, ardente que padecerem Queixas cutaneas, como Sarna, Impigens, Lepra secco, asperzes da pelle, dôres de Pedra, Diabetica, Fluxos alvos, intemperanças do Fígado, e em todas as mais Queixas, que forem causadas por calor, e secura, hão-de ter melhoras, ou sarar com estes Banhos.

«E para que os Enfermos consigão a saude, se devem dispôr primeiro com Remedios, etc., e fazendo as mais disposições, que o Medico, por quem se devem reger, lhes determinar.»

Admiravel fradinho que tão perspicazmente desentranhaste uma das actuaes riquezas de Guimarães!

Foste tu quem acordou o nobre senado vimaranense que em 1818 expropriava as nascentes e começava a transformar os summarios tanques cavados na terra e cobertos a ramos de carvalheiras, nas modestas piscinas que o «estabelecimento velho» e o levantado em 74 ainda conservam.

E assim transpuzeram mais seculo e meio as *Caldas das Taipas*,



Caldas das Taipas

Estabelecimento thermal construído pela Camara em 1874

obscuras, sem contacto com as paginas annunciadoras, despercebidas do publico e deslembradas dos sabios inculcadores da mesinha sulfidrica, quasi que escondidas sob as frondes que assoberbam de paganismo o valle meigo em que ellas se amamentam.

Só agora, regressadas á iniciativa particular, representada por uma empresa a quem a camara de Guimarães as aforou, ellas deitaram corpo e tomaram no graphico das nossas estancias thermaes a posição brilhante que lhes bem quadra.

A casinha da «Galliza» e a pequena hospedaria cederam o terreno ao hotel; e o balneario moderno, limpo, luxuoso, conservou apenas como reliquia e privadouro dos pobres os «velho» e «novo» estabelecimentos que durante cento e tantos annos foram prerogativa das dermatoses de 1.ª classe.

Guiada pelo intelligente empreendimento de Antonio Freitas Ribeiro, a actual empresa das *Caldas das Tappas* não trazia aquelle feroz instincto destruidor que caracterizou as excavações de 1844 no *Campo do Tapadinho* onde foram encontradas bastas e preciosas ruínas romanas — piscinas, lapides votivas, columnatas e mosaicos que a mão barbara do exumador destruiu e dispersou.

Eu presenciei: o amoroso e dispendioso carinho com que, na captação de uma nova nascente em 1907, a actual empresa tentou explorar as poucas e já truncadas sobrevivencias do balneario romano; o respeito com que era recolhido o menor material coevo; a ponderação com que se excavou e se sondou o misterio sepulchro por onde a gramma mercenaria do centeo seculos fóra viçou.

Retornaram, enfim, as *Tappas* aos carinhosos tempos em que pelas suas nascentes bemfazejas houveram cuidados o romano amigo, o freirinho carmelita e até o senhor rei D. João I como o atria vaidosamente aos quatro ventos da gratidão nacional esta lapide do paredão, com seu ferro de graphia e tudo:

*João, primeiro rei do reino unido
Para que a morte mais tropheus não conte
De inexaurivel, salutar bebida
Esta levanta milagrosa fonte.*

A dois passos da *Brachara Augusta*, as *Tappas* occupam a extrema direita de Guimarães, enquanto as *Caldas de Vizella* formam na radical esquerda.

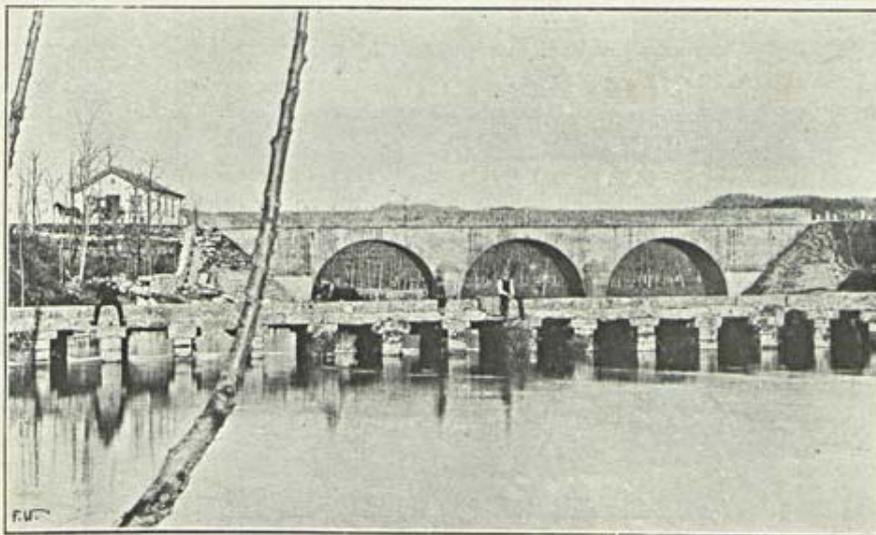
Vizella é uma Spa pequenina, com hoteis, com parques, com concertos e bailarinas nos botequins, — uma therma mundana que se entregou nos braços do revolucionario progresso.

As *Tappas* são conservadoras, tem o preito do passado. É no seu seio (4 a 5 kilometros da estancia thermal) que se abriga a famosa cidade da *Citania*, onde a pégada romana se desenhava bem funda, e o argumento neolitico que é o *Castro de Sabroso*, — dois habitats da primitiva raça iberica da velha Lusitania.

Exploradas, a expensas suas, pelo egregio sabio Martins Sarmiento, nellas se encontram nitidamente visiveis e comprehensíveis a traça, a organização e fundamentos dos primitivos povoados pre-historicos.

Ao dominar o grandioso panorama que se ajoelha aos pés da *Citania*, uma commovida ternura pelo calvario que ha galgado a especie humana se apodera de nós ao passear as ruas, ao reconstituir os alicerces e planos de habitações, algumas restabelecidas, e ao considerar as, tão potentes! muralhas defensivas e de supporte.

Mas para os commodistas, para os que tiverem médo a uma es-



Caldas das Tappas. — Ponte nova sobre o rio Ave

calada á montanha num economico selim d'aluguer, lá estão em Guimarães as duas alas do claustro da *Sociedade Martins Sarmiento* e as galerias por ellas supportadas, — para descerrar o espolio procedente das variadas estratificações civilisadoras, em que está archivado o documento concernente á idade de pedra, de bronze, do ferro e a connexa interferencia do romano.

E no ir a Guimarães nunca se perde o tempo, porque...

Porque desde o roqueiro castello do *Fundador*, ás gemminadas janellas dos *Paços dos Duques de Bragança* e ás sacras reliquias da *Collegiada*, com a sua custodia famosa, o seu altar de campanha em prata doirada, — *Vimaranes* é um museu aberto por onde ao rodar d'uma ruella o século xv se desembuça d'um arco e nos grita, jogando ás esondidas:

— Uh!...

Guimarães tem a paz do claustro e a azafama d'uma officina por onde se lamenta a rangedoura tecelá do seculo xx, e de cujos balaustrados d'alguma casa do *Valle de Dornas* se debruça a evocação femineil de outras idades, em que o amor ainda tinha pelo menos o misterio d'uma rótula.

Infundir o corpo mofino nas piscinas das *Tappas* é receber o exorcismo liquido!

Passar Guimarães é viver algumas horas entre as paginas de um ponderoso tomo da *Historia de Portugal*, como essas corôas de flores com que a piedade feminina intercala os capitulos sagrados d'um *Livro de Horas*.

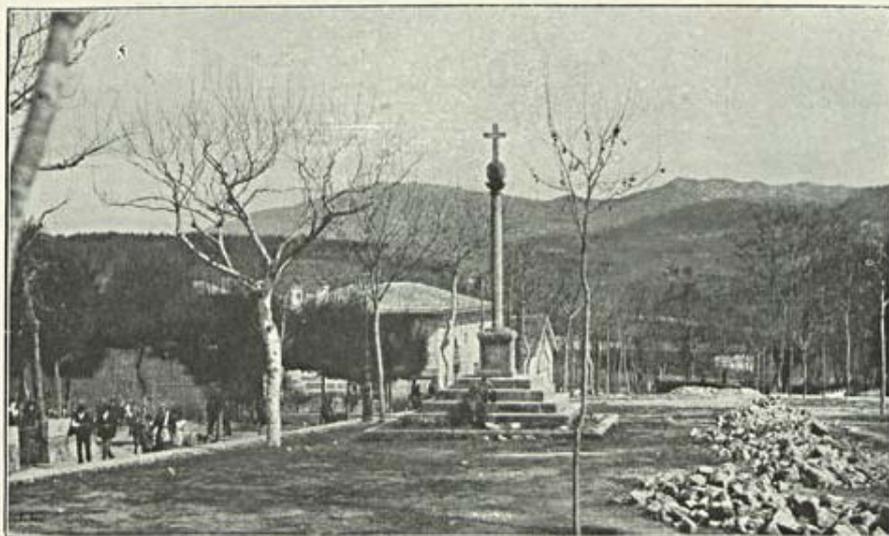
Por isso eu não sei divagar por Santo Antonio das *Tappas* ou ler sequer uma referencia aos seus bentos mananciaes, sem exclamar entre mim: é a obra do Carmelita! é a tua seára, admiravel, perspizac fradinho!

Joaquim Leitão.

Romanoff

Os leitores do *Brasil-Portugal* conhecem *Romanoff* por o terem visto no Colyseu dos Recreios, estas ultimas noites e desembaraçadamente executar as mais dificeis e complicadas operações, sem auxilio de pessoa alguma, sem recorrer a nenhum *truc* e sem mystificações de qualquer ordem. E isto claramente se vê e singelamente se verifica sem ser preciso preoccupar muito o espirito. Pelo seguinte argumento, que nos parece irresponsivel: — *Romanoff* executa tudo, longe da pessoa que o apresenta, no meio da pista, de costas voltadas para o publico. Repete de memoria, depois do primeiro enunciado dos numeros escriptos na pedra esses mesmos numeros, algarismo por algarismo, — tanto em somma, como em multiplicação, como na elevação ao quadrado, como na elevação ao cubo ou na extracção da raiz cubica de um numero até um millhar. Isto mesmo elle pratica em particular, á meza de um café, a pedido seja de quem fór, com a maior naturalidade, mais facilmente do que se bebesse um copo de agua — porque a agua engasga e os calculos de *Romanoff* nunca o engasgam.

Mas o que o publico de Lisboa não conhece, e muito poucas pessoas não sabem é a



Caldas das Tappas. — Cruzeiro da Alameda



Caldas das Taipas
O Fontenário de D. João I

vida accidentada, complicada d'este russo, nascido no paiz da maior autocracia, no paiz das eternas imprecacões dos humildes, no paiz do knout e da Siberia gelada e sem fim.

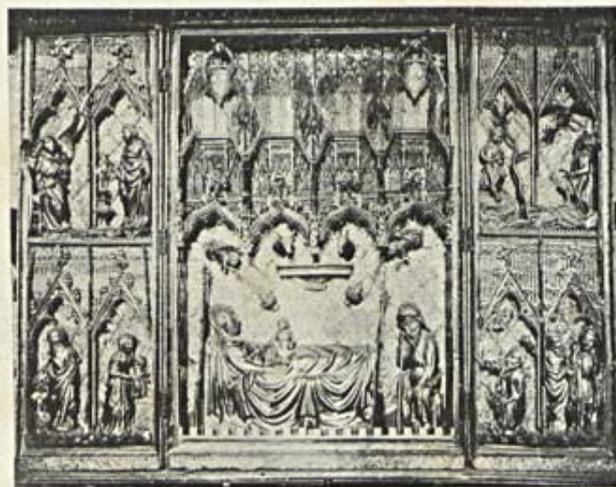
Nascido em Kiew, de muito novo começou a demonstrar a sua extraordinaria aptidão para os algarismos. Fazia coisas assombrosas para a sua idade e entrava, desde logo, na categoria dos *meninos prodigios* do tempo. Esta precocidade nos calculos repentinos não lhe obliterou de qualquer forma a sagacidade extraordinaria, a quasi presciencia que chegou a parecer dom de adivinhação, tal a maravilhosa e rapida execução das operações. Aos dez annos, na escola primaria de Kiew, um dia que o professor, muito ancho da sua sabedoria, mandava escrever na pedra um problema de relativa difficuldade para o seu curso, *Romanoff*, mal que viu escripto o ultimo algarismo, levantou-se no seu logar e teve a suprema audacia de dizer ao *magister* que tinha já resolvido de memoria a complicada operação. Não queria o mestre render-se a tão singular e extraordinaria evidencia; mas o facto é que o pequeno *Romanoff* lhe provou ali, desasombroadamente, a affirmativa das suas palavras, dando-lhe o resultado exacto, que levaria, para outro qualquer, — e forçoso era que fosse rapido — o melhor de um quarto de hora!

O prodigio correu de bôcca em bôcca; e o pequeno estudante russo chamou sobre si todas as atteneções. Frequentou, depois, durante cinco annos, a Escola Real de Calculo, de *Karhoff*, onde mais desenvolveu ainda as suas poderosas faculdades de calculador. Tinha 16 annos quando d'alli sahio. Era já um homem feito, apesar da juvenil idade; e quando n'essa placida primavera outros começam a devaneiar e a balbuciar palavras de paixão ao ouvido da primeira mulher que se encontra, ao voltar de uma esquina, *Romanoff*, sisudo e grave, com o vinco das fatalidades que pezam sobre o seu paiz a carregar-lhe a larga frente, fez-se revolucionario, como todo o bom estudante russo que se préza; e quer em artigos de jornaes, quer em conferencias de uma doutrina subversiva e avançada, tentou demo-

lir a golpes de phrase inflammada ao rubro a autocracia de tantos seculos. Valeu-lhe este nobre e desinteressado gesto as mais odiosas e tenazes perseguições do governo russo. A policia, a despeito das pesquisas feitas durante largo tempo, não conseguira lançar-lhe a mão, até que um dia, por denuncia, o prendeu. Seria longo contar aos leitores o angustioso rosario de amarguras soffridas pelo vibrante e violento *Romanoff* no seu captivo, de que só escapou, por uma fuga mysteriosa e romantica, pela mão da princeza *Saniatoff*, filha do governador da prisão, que se apaixonara loucamente pelo entusiasta estudante e da casa paterna fugiu com o agitador para Paris. Na grande cidade, *Romanoff* frequentou sem interrupção o curso de engenheiro na Sorbonne; mas a morte prematura da sua adorada princeza cortou-lhe todas as aspirações e todos os vãos da sua privilegiada intelligencia, — um anno antes da conclusão do curso.

Lançou-se então no torvelinho absorvente da vida de theatro. Foi buscar aos seus singulares recursos de calculador um meio de ganhar a vida para esquecer aquella que por elle se tinha sacrificado cegamente e que a morte arrancara impiedosamente do seu lado. Hoje é o artista celebre e o mathematico insigne e extraordinario, o unico calculador perfeito e de execução immediata nos seus calculos que existe no mundo.

Et voilà! — como diz, no final do assombroso trabalho mental de *Romanoff* o seu secretario, — o anafado e tranquiillo M. Henry, belga de origem e, além de tudo, uma excellente pessoa.



Caldas das Taipas

Altar de campanha tomado aos hespanhoes por D. João I na batalha de Aljubarrota em 14 d'Agosto de 1385



Romanoff

A's moças da minha terra

Demais vos amo, ó Moiras encantadas
com olhos claros de lendarias fontes,
guiando o meu rebanho pelos montes
na eclosão das frescas madrugadas.

Minha alma é vossa, ó doidas namoradas
que o rio beija ás tardes junto ás pontes,
á hora em que os longinuos horisontes
resam na sombra magicas baladas.

Desenvolve, cantando, as vossas tranças
e, a cantar e a rir, flori de esperanças
meu coração cheio de saudade,

que eu sentirei no peito acesa a vida,
braços abertos n'uma despedida,
n'um longo adeus ao sol da mocidade...

Na feira de Belem

Efeitos
do ultimo
furacão



(Clichs de A. C. Lima).

Barraca das faturas e theatro «Chalet»



Como ficou a barraca de Maria Botas

Puro romantismo, como vêem. Na vida real quando ellas atraçoam é sempre por qualquer outro motivo, que não por vingança. Porém, como na peça de Dumas, o acto não chega a consummar-se, e d'ahi o conceito — «que o melhor guarda da virtude de uma mulher é o amor», embora haja quem opine pela educação e pela religião — mas, puro engano. é unicamente o Amor, porque elle, quando verdadeiro, véla sempre... não dorme. E, resumindo, podemos dizer que é uma peça encantadora, originalissima pela contextura do dialogo, que é uma maravilha e nos traz suspensos durante aquelles 4 actos, a ponto de nos tornar quasi imperceptiveis umas ligeiras inverosimilhanças que aqui e acolá transparecem. Carregados mais os caracteres, com mais uns coloridos de emoção, banidos uns pequenos senões, seria uma peça para ficar, uma verdadeira obra prima.

Da maneira como a empresa do **D. Amelia** a poz em scena e do desempenho, tudo quanto se disser não dará a idéa nitida da perfeição do conjuncto. Todos os artistas se identificaram com as personagens a seu cargo de uma fórma tal, que podemos afirmar, sem receio de errar, que realisaram a idéa dos auctores. Não se pode ser mais perfeito, mais conciso, mais escrupuloso observador dos preceitos da bella arte, de que o foram os interpretes do *Amor não dorme*, que tiveram a auxilia-los o grande mestre da scena portugueza, que é Augusto Rosa, e a primorosa traducção de Manuel Penteado. Foi uma estreia auspiciosa.

Do *Sonho de Valsa* quando representado no **Avenida** já aqui fallamos. A empresa da **Trindade** pôl-o em scena com o luxo requerido, e o desempenho dos artistas d'este theatro em nada desmereceu do dos seus collegas do **Avenida**, embora as interpretações fossem diferentes. Que seja um *sonho* duradouro é o que sinceramente desejamos.

Tambem pode ser, — dissémos para connosco quando vimos annunciada uma nova revista na **Rua dos Condes** — que esta seja ainda do sr. Celestino da Silva, mas, não, enganámo-nos, — é dos srs. Couto Brandão e Ernesto Alves, dois novos, cremos, que, se por um lado teem a virtude de procurarem fugir á pornographia, por outro, quanto a nós, foram exaggerados na critica, que tentaram aboborar ao gosto do publico, mas que, devido á severidade com que é feita, dá á peça um certo ar frívolo e monotono. N'uma revista a critica pode ser causticante, é certo, mas sempre disfarçada com a ironia ou com o espirito, e nunca tão terra a terra. Os auctores, porém, mostram intelligencia e aptidão e se mudarem um pouco a sua fórma poderão produzir um trabalho que consiga o agrado geral. A musica que ainda é de Luz Junior, muito bonita, e a peça está bem posta. Distinguiram-se em diferentes personagens Accacia Reis, Raphaela Fons, Perpetua Viegas e Humberto do Amaral, contribuindo os restantes com o maximo dos seus recursos para manterem a peça.

O *Telegramma* foi moldado na mesma fórma do *Pé leve*. Portanto mais uma boa peça para o publico do **Principe Real**, amador d'aquellas scenas tetricas. E' talvez, um pouco grande, mas como peça de acção está bem architectada.

No desempenho distinguiram-se: Pato Moniz, mostrando sempre



Theatros

D. Amelia, *Amor não dorme* (*L'Amour veille*), peça em 4 actos, de A. Caillavet e Robert de Flers, traducção de Manuel Penteado. — **Trindade**, *O sonho de valsa*, opera comica em 3 actos, de Felix Dormann e Jacobson, musica de Oscar Strauss, traducção de Ernesto Rodrigues e Xavier Marques. — **Rua dos Condes**, *Tambem pode ser*, revista em 3 actos e 12 quadros, original de Couto Brandão e Ernesto Alves, musica do maestro Luz Junior. — **Principe Real**, *O telegramma*, drama em 5 actos e 7 quadros, de Dion Boucicault e Eugenio Nus, traducção de Maximiliano de Azevedo.

Caillavet e Robert de Flers não são para nós uns desconhecidos. Algumas das suas peças teem sido veritadas para o nosso idioma e conquistado o applauso das platéas portuguezas. O seu theatro tem uma feição especial que o distingue de todos os outros: é vaporoso e leve como uma renda; as scenas deslizam suavemente enlaçadas por um tenue fio, com uma subtiliza de espirito que nos delicia, provocando o riso sem nos arrastar ao gargalhar estriidente, tocando de vez em vez a nota do sentimentalismo, mas quando este parece querer tornar-se mais intenso, prestes a attingir as culminancias do drama, logo um dito travesso, de uma finura requintada, scintillante de espirito, nos dissipa a commoção que ameaçava invadir-nos.

O que é *L'Amour veille*? — No fundo um assumpto já batido e que Dumas tratou desenvolvidamente debaixo de outra feição na *Francillon*. E' a pena de Talião applicada ás traições conjugaes. — Uma esposa atraçoada que resolve atraçoar tambem para se vingar. —

THEATROS

Rua dos Condes. — “Tambem póde ser”



Final do 1.º acto

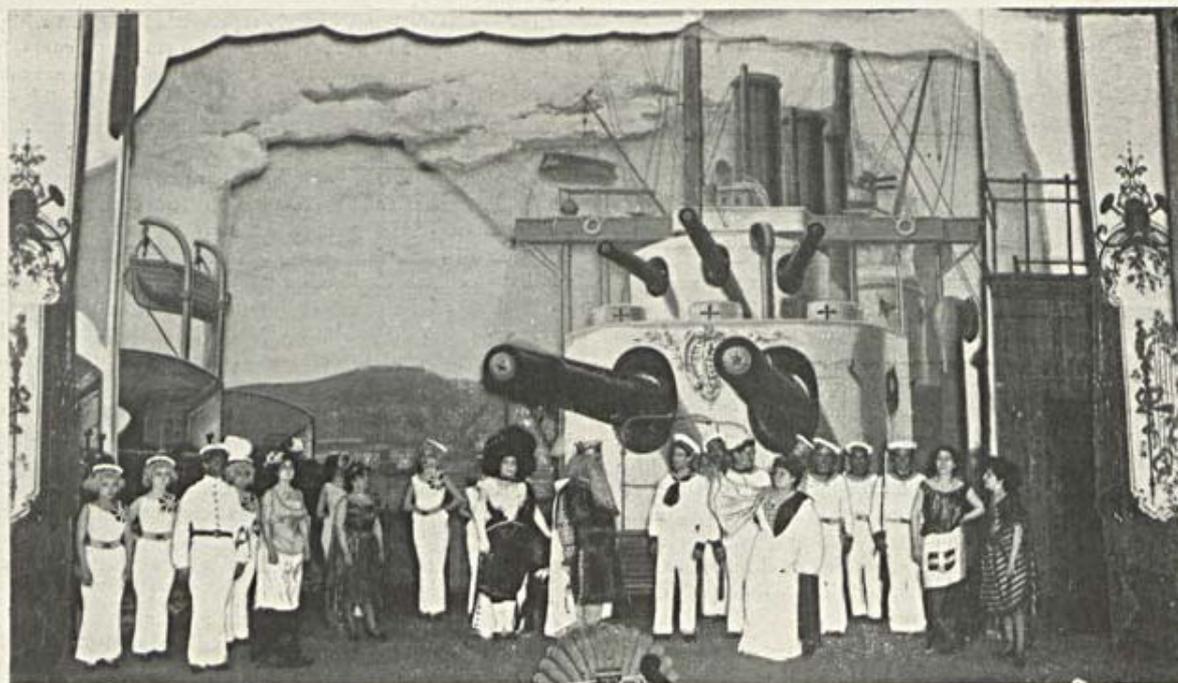
a sua boa vontade, o seu muito talento, e que foi felicissimo no papel do marinheiro *Cook*; Luciano, que nos deu um bello typo de operario no *Noé Johnson*; Gil, que no *Morley*, teve um dos seus melho- res trabalhos dos ultimos tempos; Lucinda do Carmo no papel de *Luiza Johnson* e Maria das Dôres, uma creada velha, que nos encantou pela belleza da interpretação. O scenario de Luiz Salvador, bom.

No **Gymnasio** as *Mulheres dos amigos* continuam a arrancar

gargalhadas aos espectadores que são unanimes nos applausos que dispensam á espirituosa comedia. No **Avenida** o *A B C* e o *Vica- legre* estão na berlinda, e sempre applaudidos. O **Colyseu** todas as semanas nos apresenta novidades e as enchentes succedem-se, o que não admira, sabendo-se que figura em letra gorda no cartaz o nome do celebre professor de lucta japoneza *Raku*, que tem maravi- lhado meio mundo.

Ruy.

Rua dos Condes. — “Tambem póde ser”



(Cliché de A. C. Lima).

Final do 3.º acto